

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Uma crise sistêmica do capitalismo flexível,
globalizado e financeirizado [A systemic crisis of
flexible, globalized and financialized capitalism]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Cocco, Giuseppe
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-08 11:11:24
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/161002

Uma crise sistêmica do capitalismo flexível, globalizado e financeirizado

O capitalismo pode, claro, se regenerar. Mas, por enquanto, ninguém sabe como, escreve Giuseppe Cocco

“**A** contradição estrutural que está na base da crise é aquela, classicamente marxista, entre desenvolvimento das forças produtivas e relações (capitalistas) de produção”, escreve Giuseppe Cocco, em artigo que enviou para ser publicado na revista *IHU On-Line*. Ele ainda constata que “as forças produtivas hoje são aquelas de um trabalho mobilizado diretamente dentro da sociedade, sem passar pela relação salarial formal”. Também, segundo ele, “o trabalho que constitui as forças produtivas contemporâneas, por um lado, é de tipo cognitivo, afetivo, linguístico, terciário e, por outro, precário, não reconhecido, flexível, formal e informal ao mesmo tempo”.

Giuseppe Cocco é graduado em Ciências Políticas pela Università degli Studi di Padova e pela Université de Paris VIII. cursou mestrado e doutorado em História Social, pela Université de Paris I. Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o pesquisador é membro do corpo editorial da revista francesa *Multitudes*, das revistas *Lugar comum* e *Global Brasil*. Cocco é autor de diversos livros, entre os quais citamos *Trabalho e cidadania – Produção e direitos na era da globalização* (São Paulo: Editora Cortez, 2000) e *Biopoder e luta em uma América Latina globalizada* (Rio de Janeiro: Record, 2005), este último em parceria com Antonio Negri. Confira o artigo.



Vivemos uma crise sistêmica e ninguém sabe qual vai ser seu desfecho. Essa incerteza radical, transformada numa crise de confiança é o que define, paradoxalmente, a certeza quanto à dimensão única da crise.

Dizer que a crise é sistêmica significa dizer que ela é fato das contradições estruturais do capitalismo contemporâneo. Essas contradições não são, como superficialmente poderia parecer, o fato do descolamento da esfera financeira com relação à esfera real (produtiva) da economia, algo que se desdobraria na contradição entre um capitalismo bom (que seria o industrial) e um capitalismo ruim (que seria o financeiro). A contradição estrutural que está na base da crise é aquela, classicamente marxista, entre desenvolvimento das forças produtivas e relações (capitalistas) de produção. Se essa contradição - como dissemos - é clássica, sua mecânica é completamente nova: as forças produtivas hoje são aquelas de um trabalho mobilizado

“As forças produtivas hoje são aquelas de um trabalho mobilizado diretamente dentro da sociedade, sem passar pela relação salarial formal”

diretamente dentro da sociedade, sem passar pela relação salarial formal. Quer dizer, o trabalho que constitui as forças produtivas contemporâneas, por um lado, é de tipo cognitivo, afetivo, linguístico, terciário e, pelo outro, precário, não reconhecido, flexível, formal e informal ao mesmo tempo.

Diferentemente do que acontecia no regime industrial, que acabou implicando numa relação entre “inclusão” e “subordinação” do trabalho, o capi-

talismo flexível, globalizado e financeirizado “inclui” (os excluídos) sem eliminar (ou diminuir) a “exclusão”. A base do novo regime de acumulação é essa. Por um lado, as novas relações sociais de produção investem a nossa vida como um todo (e não apenas o tempo de trabalho); por outro, não se reconhece (nem protege) a dimensão produtiva de nossas vidas. Isso se traduz em uma série de contradições que já encontramos nas chamadas “bolhas” das Bolsas de Valores. Lembremos a bolha da New Economy: a hiper-valorização dos ativos empresariais ligados às novas tecnologias da informação e das redes desmoronou diante da incapacidade capitalista de eliminar e/ou marginalizar as formas de cooperação que caracterizam a rede: a gratuidade, o *copyleft*, a ética *hacker* do trabalho colaborativo em rede. A crise do subprime é de uma intensidade ainda maior porque ela não se limita a um segmento específico (como era a New Economy), mas é o fato do mecanismo geral de governança do capitalismo

global: a relação crédito/débito. Ao passo que a precarização do trabalho e a privatização dos serviços se afirmavam como principais tecnologias de comando, a expansão da base do crédito ia substituindo a dinâmica dos salários reais. A expansão do crédito se torna fundamental e obrigatória: porque ele substitui e/ou complementa salários cada vez mais precários, porque a privatização transforma os serviços de saúde, educação, moradia etc., em mercadorias às quais se terá acesso por meio do crédito (e da capitalização, como no caso das aposentadorias) e, enfim, porque – reciprocamente – a produtividade do trabalho (o desenvolvimento das forças produtivas) passa a depender ainda mais do que antes, do acesso a esse conjunto de serviços.

Capitalismo industrial e finanças se misturam e são indistinguíveis

A expansão das finanças, quer dizer, a expansão da base financeira, não é nem a causa dos problemas nem o resultado da cobiça dos financistas. Por um lado, queremos dizer que os financistas não são mais gananciosos do que os industriais e, pois, que não há um lucro que seria melhor do que o outro, pois sempre se trata da expropriação pelos poucos da riqueza produzida pelos muitos; a chegada da crise no Brasil mostra muito bem que capitalismo industrial e finanças se misturam e são indistinguíveis: são grupos industriais produtores de *commodities* que quase quebraram por causa de suas especulações financeiras (Votorantim, Sadia, Aracruz).

Por outro lado, a expansão financeira é mais um sintoma do que uma causa. Um sintoma que não deixa de ser violento, das novas formas de exploração. Vejam bem, dizer isso não significa reduzir o julgamento ético sobre a violência intolerável do mecanismo financeiro, pelo contrário, significa amplificá-lo, atribuindo-o ao capitalismo como um todo e não a sua forma degenerada. A crise do subprime é, por um lado, o desmoronamento da ilusão de resolver pelo crédito

securitizado a incapacidade dos salários dos pobres e dos imigrantes de pagar o acesso à moradia. Pelo outro, a transferência da precariedade das condições de trabalho no nível da precariedade da própria base financeira: os ativos se tornam tóxicos e somente os governos podem digeri-los.

O capitalismo pode, claro, se regenerar. Mas, por enquanto, ninguém sabe como. Essa incerteza não é apenas uma questão de prazos. Há alguns impasses que não tem solução. Vejamos os dilemas de Barack Obama diante da quebra (que era anterior) da indústria automobilística norte-americana. Salvá-la parece problemático em termos econômicos e sociais. Deixá-la falir também! Como é possível sair desse impasse? Só por meio de inovações radicais, das quais apenas os movimentos sociais são portadores. Lembremos, entre o G8 e o G20 há as manifestações de Seattle e Genova bem como os fóruns sociais mundiais de Porto Alegre. Os movimentos são fundamentais para sair democraticamente da crise porque só eles são capazes de constituir condições novas, isto é, de uma dinâmica constituinte. Nesse sentido, poderíamos dizer que uma das maiores ameaças – no Brasil – à saída da crise está na criminalização dos movimentos (do MST em particular) conduzida pelo Presidente do STF.

Não é um problema de justiça (ou seja, no fato de haver dois pesos no uso da Constituição: seu rigor é invocado para reprimir os sem-terra e suas garantias para proteger os Crimes do Colarinho branco), mas de constituição. A Constituição, a Lei da lei, só pode ser a partir de um processo constituinte, quer dizer, daquele momento onde a fonte (a legitimidade) e o direito (a lei) coincidem. No Brasil contemporâneo, não precisamos abrir muitos livros de constitucionalismo para lembrar as duas configurações (opostas) dessa situação: uma é aquela do AI-5, ou seja, do Estado de Exceção, onde o rigor da Lei aparece como intensidade da decisão, efetividade sem legitimidade, onde a Lei é, na re-

alidade, lei da Força (não é por acaso que os mesmos meios de informação que tanto sabatinam o presidente do STF sejam tentados de fazer uma revisão histórica da Ditadura militar, chamando-a de DitaBranda); a outra é aquela da Constituinte de 1988, da radicalização democrática que os movimentos produzem pela participação e a produção da sociedade.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Giuseppe Cocco. Acesse nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu)

Entrevistas:

- * *Política do comum. Uma alternativa à crise econômica mundial?*, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU, em 26-01-2009;
- * *“O ‘fazer multidão’ diz respeito à própria constituição da esfera pública”*, publicada na revista *IHU On-Line* número 266, de 28-07-2008, intitulada *Movimentos sociais. Criminalização é um atentado à democracia*.
- * *“Já saímos da sociedade salarial”*, publicada na revista *IHU On-Line* número 216, de 23-04-2007, cujo tema de capa foi *O trabalho no capitalismo contemporâneo. A nova grande transformação e a mutação do trabalho*.

BAÚ DA IHU ON-LINE

>> Sobre a crise financeira internacional leia as seguintes edições da revista *IHU On-Line*:

- * *A crise financeira internacional. O retorno de Keynes*, número 276, de 06-10-2008.
- * *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, número 278, de 21-10-2008.
- * *Alternativas energéticas em tempos de crise financeira e ambiental*, número 285, de 08-12-2008.
- * *A crise capitalista e a esquerda*, número 287, de 30-03-2009.

>> E, sobre o mundo do trabalho, leia as seguintes edições da revista *IHU On-Line*:

- * *O mundo do trabalho no Brasil de hoje. Mudanças e novos desafios*, número 256, de 28-04-2008.
- * *O trabalho no capitalismo contemporâneo. A nova grande transformação e a mutação do trabalho*, número 216, de 23-04-2007.
- * *Mais inovação tecnológica e... piores condições de trabalho. Um paradoxo!*, número 188, de 10-07-2006.
- * *Trabalho. As mudanças depois de 120 anos do 1º de maio*, número 177, de 24-04-2006.
- * *As obras coletivas e seus impactos no mundo do trabalho*, número 161, de 24-10-2005.
- * *A crise da sociedade do trabalho*, número 98, de 26-04-2004.
- * *Economia Solidária e a crise do mundo do trabalho*, número 66, de 30-06-2003.
- * *1º de maio: trabalho e memória*, número 57, de 28-04-2003.